

Carlos Pinkusfeld Monteiro Bastos*

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Margarita Olivera**

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil



Desenvolvimento e desigualdade em perspectiva global: entrevista com Jayati Ghosh

DOI: <https://doi.org/10.29327/2148384.17.33-8>

Entrevista realizada presencialmente no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no dia 22 de março de 2023.

* Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia. Doutor em Economia pela New School for Social Research, EUA. Diretor-Presidente do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. E-mail: diretoria@centrocelsofutado.org.br

 <http://lattes.cnpq.br/4932427718070145>

 <https://orcid.org/0000-0003-3895-1461>

** Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia. Doutora em Economia Política pela Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália. E-mail: margarita.olivera@ie.ufrj.br

 <http://lattes.cnpq.br/5189058238977503>

 <https://orcid.org/0000-0002-6658-6513>

Entrevistadores. Estamos aqui hoje para entrevistar a professora Jayati Ghosh.

É uma honra e uma alegria muito grande pro Centro Celso Furtado poder fazer essa entrevista. Para apresentar a professora Jayati, nós vamos inicialmente usar as palavras da professora Pavlina Tcherneva em um seminário muito recente no Bhat College, disse que a professora Jayati é uma das poucas pessoas que mobilizam o debate global sobre justiça socioeconômica, igualdade de gênero e saúde pública, de forma a transformar esses temas em pontos importantes do debate corrente. Além disso, a professora também é uma palestrante e uma figura pública. Ela já colabora com várias instituições como a OIT, a Organização Internacional do Trabalho, NDP e é um membro do High Level Advisory Board da United Nations. Faz parte da iniciativa internacional para a reforma tributária de empresas. Além dessas atividades, ela foi durante 35 anos professora da Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Délhi, e ela leciona hoje em dia na Universidade de Massachusetts. Na trajetória acadêmica dela, tem mais de 20 livros publicados e mais de 200 artigos científicos, o que não é pouco. Então, professora Jayati, muito obrigado por acomodar esta entrevista em sua agenda lotada. Estamos honrados e felizes por tê-la aqui conosco hoje.

A primeira pergunta é sobre a Índia. O desempenho econômico da Índia atrai a atenção de observadores internacionais e dos brasileiros em particular. Analisando apenas o período após a crise de 2008, a taxa média de crescimento da Índia foi de 6%, não muito distante da China, que é de 7%. Infelizmente, a taxa média de crescimento do Brasil é de apenas 1,2%. No entanto, desde 2014, o país é governado por Narendra Modi, que, pelo que vimos, é uma figura no mínimo controversa, especialmente considerando a complexa estrutura social. Portanto, a questão é como explicar uma diferença tão drástica em relação ao Brasil e o paralelo com o crescimento da China, a posição da Índia em perspectiva em relação a esses dois países.

Jayati Ghosh. A diferença mais óbvia é o investimento. Se você tiver uma taxa de investimento tão baixa quanto a do Brasil, não conseguirá. A

China tem uma taxa de investimento superior a 40%. Na Índia, é muito menor, nossa taxa de investimento é inferior a 30%, está na faixa de 20%. Mas é maior do que no Brasil. Temos de lembrar que na Índia há uma recuperação muito importante que tivemos após a pandemia. E, mesmo antes disso, seu crescimento foi muito importante. São realmente os 10% mais ricos da população que estão crescendo. Os salários mínimos quase não aumentaram durante décadas, o emprego de fato caiu ao longo desses anos, especialmente o emprego das mulheres, e nós realmente não experimentamos aumentos no consumo em massa. É por isso que nossas taxas de investimento também estão caindo. Portanto, a ideia de que a Índia é esse exemplo brilhante na economia global é muito superficial, o que não traz nenhum conhecimento sobre os detalhes do que está acontecendo na Índia. E, certamente, uma das outras coisas que vem acontecendo desde 2014 é que simplesmente não temos dados. O governo Modi realmente tentou impedir o acesso aos dados ou parou de coletá-los. Assim, tivemos uma pesquisa de consumo em 2017 e 2018, que mostrou que o consumo havia caído para a liderança. Então, eles abandonaram a pesquisa. Eles disseram “ah, é uma metodologia ruim”. É a mesma metodologia que temos desde sempre, mas eles a abandonaram. Eles trituraram todos os documentos e não divulgaram os dados. Desde então, eles não fizeram a pesquisa de consumo. Portanto, nossa última pesquisa de consumo foi em 2011, 13 anos atrás. Não temos acesso, não sabemos quantas pessoas são pobres, não sabemos qual é o consumo de massa, porque eles não divulgaram esses dados. Não tivemos um censo. Deveríamos ter tido um censo em 2021, mas não tivemos um censo. Eles disseram que estava relacionado à pandemia da COVID-19. Agora dizem que foi adiado indefinidamente. Provavelmente o farão após as eleições gerais de 2024. Portanto, não temos dados, não sabemos o que está acontecendo. Os dados do PIB, que todos consideraram muito positivos, são problemáticos porque eles mudaram a metodologia de cálculo, mudaram as bases e os pesos de diferentes setores e, como resultado, muitos analistas apontaram que eles são bastante duvidosos. Mesmo Arvind Subramanian, que costumava aconselhar o governo Modi,

questionou os dados do PIB que estão nos indicando essa fase de crescimento relativamente alto. Mas mesmo que você não questione os dados, a maior parte do nosso aumento está vindo da FIRE (finance, insurance and real estate) e da administração pública. Esses não são sinais de uma economia em crescimento saudável. Basicamente, eu diria que se estivermos olhando para uma economia na qual os salários reais não estão crescendo e o emprego está caindo, então, para mim, não é uma grande economia, há algo errado.

Entrevistadores. Apenas por curiosidade. Como a nova ordem liberal teve o impacto de pouco crescimento após os anos 1990 e você deve, após este século, viver um curto período de aumento da dimensão desse governo... Mas, em termos da maneira como Modi se apresenta, parece que ele tem uma abordagem jornalística e desenvolvimentista... Não sei se ele é um governo neoliberal comum ou é apenas uma impressão que nós, como estrangeiros, temos. Ele é o neoliberal tradicional com austeridade fiscal ou é o oposto. Ele está muito alinhado com essas políticas que caracterizam o neoliberalismo?

Jayati Ghosh. Eu diria que ele é um capitalista neoliberal, certamente não é um desenvolvimentista, nos padrões que entendemos como estados desenvolvimentistas. Portanto, há poucos aliados corporativos, que ele tem incentivado bastante, com o argumento de que é preciso ter campeões nacionais e, é claro, agora todos conhecem o caso do senhor [Gautam Shantilal] Adani, que era próximo de Modi quando ele era ministro-chefe, e há alguns outros como esse. É uma promoção do grande capital às custas do capital menor e de todos os outros na economia. É apenas neoliberal, mesmo que não signifique a redução do Estado. Significa apenas que o Estado faz coisas diferentes. É apenas uma questão de quem ele está promovendo, de que interesse está promovendo e como está fazendo isso. Portanto, há uma tentativa de privatizar muitas coisas. Uma grande parte dos ativos do setor público foi privatizada e vendida a esses comparsas. A Adani, por exemplo, que da noite para o dia adquiriu oito aeroportos do setor público, minas que

eram administradas pelo setor público e acesso a rodovias. Portanto, um grande número de serviços públicos, geração, transmissão e distribuição de eletricidade foram privatizados. A tentativa também é de privatizar a saúde pública. Portanto, eu diria que sim, é muito neoliberal. E é por isso que temos a persistência da pobreza em massa. Que não desaparece porque o governo não presta serviços. Portanto, eu não o chamaria de não-neoliberal. Eu diria apenas que é um tipo diferente de neoliberalismo. Ele está muito alinhado com a liberalização, a privatização e a desregulamentação. Exceto pelo fato de que o governo quer influenciar tudo isso em favor de seus próprios comparsas.

Entrevistadores. Talvez nós tenhamos essa posição porque no Brasil temos uma taxa de crescimento muito baixa desde as reformas liberais dos anos 1990, portanto, quando olhamos para os dados, mesmo que sejam verdadeiros ou não, e falando da Índia, parece diferente, mas não é. É um pouco diferente...

Jayati Ghosh. É diferente. Mas você sabe, o neoliberalismo também vem em variedades. Não há um neoliberalismo único em todos os sentidos. E acho que o Brasil, deixe-me colocar desta forma, o Brasil é a exceção. Não consigo pensar em nenhum outro país que amarre tanto suas mãos em termos de taxas de investimento e que seja tão obcecado por subsídios fiscais, baixos índices de dívida pública em relação ao PIB, moeda restrita e altas taxas de juros. Não consigo me lembrar de nenhum outro país. Para uma pessoa de fora, quando você vem ao Brasil e vê isso, é ridículo, é bizarro... Isso explica por que o crescimento é baixo. Quero dizer, seriamente, se você quiser olhar para a taxa de crescimento, olhe para a taxa de investimento. É aritmética, não é uma surpresa. Se você tem uma taxa de investimento de 40%, é claro que terá uma taxa de crescimento de 6%. Se você tem um investimento de 30%, é claro que terá um crescimento de 5%. Se você tem um investimento de... O que é agora para vocês? Vocês têm agora 18%? Não é de se surpreender que o crescimento seja baixo. Na

verdade, quando olho para o baixíssimo investimento público e, portanto, para o fato de que não há infraestrutura pública sendo criada, o que afeta as condições de oferta e cria demanda, e vejo as altíssimas taxas de juros, é um milagre que haja qualquer investimento. Em que base as empresas estão investindo? Como elas podem esperar obter taxas reais de lucro superiores a 8%?

Entrevistadores. Somos os reis da austeridade fiscal no mundo, talvez, tenhamos pelo menos esse título (ironia), não é muito bom, mas...

Jayati Ghosh. Sabe, devo dizer que não tinha percebido até vir para cá que a situação era tão ruim. Sim, é extremo. Quero dizer, é claro que não é a Índia que está indo muito bem, mas vocês são loucos.

Entrevistadores. Levam a austeridade fiscal realmente ao pé da letra, nós acreditamos nela, infelizmente.

Jayati Ghosh. Sem nenhuma questão externa, esse é o aspecto realmente surpreendente: vocês não têm dívida externa, não tem o FMI, você sabe, pressionando-os, vocês têm uma grande reserva de moeda estrangeira. Tudo o que vocês realmente precisam fazer é usar a poupança doméstica para investimento doméstico. Por que não estão fazendo isso?

Entrevistadores. Infelizmente, não temos a resposta. Nós a temos, mas é difícil dizer. De qualquer forma, segundo ponto, voltemos à Índia. Parece-nos que, além do complexo industrial militar americano, a Índia é a única beneficiária da guerra ucraniana, em certo sentido, digamos. Então, você acha que os movimentos geopolíticos que estamos testemunhando agora podem aproximar a Índia, de alguma forma, da Rússia, ao que parece... Mas a China tem problemas, pelo menos, em termos econômicos... E, até que ponto essa transformação da integração econômica dos países do BRICS pode afetar, de alguma forma, o Brasil? Toda essa situação com a China etc.

Jayati Ghosh. Acho que o mundo está fascinante neste momento. E a geopolítica está mudando muito rapidamente o tempo todo, certo? Sim, a Índia foi definitivamente beneficiada, no sentido de que, ou melhor, algumas empresas na Índia, vamos ser claros, foram beneficiadas. Porque uma empresa privada que depende de produtos petroquímicos estava importando petróleo da Rússia a preços baixos, ou petróleo bruto a preços muito baixos. Convertendo-o em derivados de petróleo e exportando-o para a Europa, especialmente para a Alemanha, a preços muito mais altos. Assim, o conglomerado industrial Reliance foi um dos principais beneficiados. Por outro lado, permitiu-se que os altos preços globais de combustível e alimentos fossem imediatamente transferidos para o povo indiano. Portanto, temos um dos preços de petróleo mais altos do mundo quando nossa renda *per capita* é uma fração mínima da média *per capita* global. Portanto, os indianos não foram beneficiados pela guerra, mas sofreram com o aumento dos preços globais. E, de fato, quando os preços globais baixaram novamente, não baixaram na Índia, porque o governo aumentou os impostos e manteve os preços dos combustíveis altos. As pessoas não foram beneficiadas. As empresas indianas é que se beneficiaram. Temos que ter cuidado quando falamos em Índia, China e Brasil. Sabemos que nossos países são estratificados. E de classe, com certeza, mas há muitos outros tipos de estratificação, como gênero, classe, localização e suas regras. A maioria das pessoas na Índia não se beneficiou com a guerra. Mas quanto à sua segunda pergunta sobre o alinhamento nos BRICS.

Entrevistadores. Sim, os BRICS e essa mudança, ao que nos parece, essa mudança de posição da Índia em relação à Rússia. A Índia é o país que menos está condenando a guerra na Ucrânia, usando uma expressão diplomática.

Jayati Ghosh. Não é só a Índia, a maioria dos países do mundo não está condenando. Na verdade, se observarmos as resoluções da ONU, a maioria dos países do mundo não a condenou. Eles se abstiveram ou votaram

contra. A maioria dos países.

Entrevistadores. Nós sabemos, mas a Índia tem uma relação especial com os EUA por causa da China, então é xadrez.

Jayati Ghosh. É xadrez, mas lembre-se de que a Índia tem um relacionamento antigo com a Rússia. Tivemos um pacto com a Iugoslávia há muito tempo. O senhor Modi também se dá bem com personalidades autoritárias, então ele se dá bem com o senhor Putin, ele se deu bem, no início ele estava tentando fazer amizade com Xi Jinping também. Ele foi muito amigável com o senhor Bolsonaro, que veio para o nosso Dia da República, como convidado especial. Ele gosta de figuras autoritárias. E, definitivamente, a Índia vê que não há razão para ficar necessariamente do lado dos EUA. Mas também é que na Índia... Os estabelecimentos estrangeiros na Índia reconhecem que o Ocidente precisa da Índia, geopoliticamente, certo?

Eles estão desesperados por um baluarte contra a China e podem jogar com os dois lados. E outra coisa é que temos um relacionamento muito complicado e tenso com a China. Há um conflito na fronteira, que o governo indiano nem sequer ousa chamar de conflito. Há postos de soldados, há milhares de quilômetros de terra que foram tomados pela China, e o governo não ousa admitir que foram tomados porque não se pode correr o risco de uma guerra. Portanto, é uma situação muito complicada. Também é verdade que somos estrategicamente muito dependentes da China, por exemplo, 90% de nossas importações de medicamentos a granel vêm da China. É muito perigoso estar nessa situação, sabe? Se eles “desligarem a tomada”, não haverá mais medicamentos, sabe?

Somos bastante dependentes de toda uma gama de importações. Assim como o Brasil. Portanto, é uma relação muito complicada. Mas também acho que a Índia vê isso como uma oportunidade. Como os ocidentais são tão gratos por qualquer indicação de que possamos condenar a guerra, que possamos dizer que não é uma ideia tão boa, eles estão dispostos a perdoar tudo. A demolição dos direitos humanos no país, os ataques às minorias, tudo

isso é perdoado, porque a Índia é importante estrategicamente.

Entrevistadores. Você acha que essa boa vontade do Ocidente com a Índia e sua conexão especial com a Rússia e a China podem representar uma oportunidade para o Brasil melhorar as conexões dentro do BRICS, ou, o Brasil está tão distante que essa dinâmica econômica não poderia nos afetar?

Jayati Ghosh. Você sabe que esse fascínio pelo BRICS no Brasil realmente me interessa. Vamos nos lembrar de como o BRICS foi formado. Ele foi formado porque um banco de investimentos disse que esses quatro países - S não estava lá, era Brasil, Rússia, Índia e China - são os países do século XXI, porque têm populações jovens, esse foi o motivo. Isso então, sabe, tornou-se um acrônimo que todo mundo usa, e esses quatro países decidiram se encontrar e se reunir. E então a China diz que temos de incluir a África do Sul. Assim, o BRICS se tornou uma formação. E, é claro, o BRICS é visto como o líder do mundo em desenvolvimento, nomeado por ele mesmo. Não é que todo mundo os veja como líderes, são líderes automeados do mundo em desenvolvimento. Há um banco do BRICS, o Novo Banco de Desenvolvimento, há novas relações comerciais, há padrões comerciais em que se está fazendo algum tipo de financiamento comercial que não passa pelo dólar. Portanto, tudo isso aconteceu, mas, na verdade, não se baseia em nada. É bastante interessante porque há profundas contradições entre esses países, especialmente entre a Índia e a China. Eu diria que não apenas a Índia e a China...

Entrevistadores. Contradições e dependências.

Jayati Ghosh. Contradições e dependências, ambos. Mas veja, como tal, não é um agrupamento lógico, orgânico. Eu diria que um agrupamento lógico é a região latino-americana, a União Africana, sabe, os agrupamentos do Leste Asiático. Esses são orgânicos lógicos, os regionais que são de fato regionais. Você vê sinais desses grupos emergindo de forma importante

também. Sem dúvida, é um sinal de que mais e mais desses grupos precisam se unir. Pessoalmente, não sei se deveríamos optar apenas pelo BRICS. A Índia não representa o Sul da Ásia, gostamos de pensar que sim. Mas o restante dos países realmente não confia em nós. A África do Sul não representa nem mesmo a África Subsaariana, e o restante dos países também tem muitas dúvidas. O Brasil não representa a América do Sul. Acho que seria útil ter esses grupos orgânicos interagindo mais.

Entrevistadores. Os grupos regionais que interagem de alguma forma e acomodam algumas políticas dentro das regiões.

Jayati Gosh. Considere que 11 dos países do G-20 são economias não avançadas. Esse é um grupo porque eles estão em uma mesa criada pelos países ricos. Eles poderiam se reunir e discutir, o que significa que você incluiria a Indonésia, a Turquia, infelizmente, e infelizmente a Arábia Saudita, mas você conhece o México. Você sabe que está incluindo outros países, porque todos eles estão nessa mesa com os países ricos. Portanto, podemos pensar que eles estão formando alianças para determinados tipos de coisas. Portanto, o G-20 talvez seja uma possibilidade para que mais países em desenvolvimento tenham suas vozes ouvidas.

Entrevistadores. Não vamos colocar todos os ovos na cesta do BRICS, mas é um fórum, é um espaço que pode ser usado para alavancar o crescimento. Temos algumas sinergias e complementaridades...

Jayati Ghosh. Sem dúvida, vocês poderiam usar o Novo Banco de Desenvolvimento. Acho que o Brasil já o utilizou. Vocês poderiam usar o acordo comercial. Vocês poderiam fazer todas essas coisas. Não acho que vocês devam se restringir ao BRICS. O BRICS é uma das muitas coisas.

Entrevistadores. Portanto, agora a pergunta voltada mais para essa questão neoliberal. A história da chamada era neoliberal já dura mais de 40

anos, enquanto o capitalismo ocidental anterior, chamado de era de ouro, durou de 25 a 30 anos, dependendo de como você o conta. Assim, o liberalismo parece ser bastante resistente e as surpresas surgem do nada, mas em poucos anos, as mesmas regulamentações fiscais e os mesmos processos de liberalismo. Não há alternativa. Eles voltam. É claro que a desigualdade, a mobilidade, o desemprego, a falta de crescimento econômico, as perspectivas, eles chegaram às nossas profundezas democráticas, agora que temos sérios contadores no Brasil e até mesmo na Índia, temos um governo menos democrático, provavelmente, e a extrema direita está crescendo em todo o mundo. Você acha que o pivô político de várias consciências, só para mencionar a geopolítica entre a China e os EUA, pode ser o sinal de uma ampla mudança nesse quadro, ou um sinal menos otimista, de que a resiliência do novo neoliberalismo liberal é mais forte do que se poderia desejar:

Jayati Ghosh. Bem, você sabe, vou parafrasear Wolfram Streeck, o sociólogo alemão, que escreveu um livro sobre “o capitalismo estar morto”.¹ E eu direi: “O neoliberalismo está morto?” De certa forma, está. Ele já está morto nos EUA e na Europa, certo? Quero dizer, veja o que aconteceu na pandemia, nos disseram o tempo todo que não se pode gastar mais, que o governo não pode permitir... De repente, temos déficits fiscais de gastos adicionais entre 10 e 30% do PIB, os mais altos de todos os tempos, maiores do que o *New Deal* de Roosevelt. Então, que tipo de neoliberalismo é esse?

Entrevistadores. Vocês sabem que no Brasil há uma coisa engraçada... Porque havia uma frase, uma frase de efeito, de que “não há dinheiro”. Porque é algo que foi usado para defender essas medidas de austeridade e fiscais no governo Dilma Rouseff. E então as mesmas pessoas no governo disseram que não haver dinheiro no Brasil, passaram a transferir muito dinheiro para...

1 Wolfgang Streeck é diretor do Instituto Max Planck para Pesquisa Social e professor da Universidade de Colônia. O livro referido é *Buying Time: The delayed crisis of democratic capitalism* (Verso, 2014).

Jayati Ghosh. Exatamente! Quero dizer, no início, os EUA começaram a gastar mais com Trump. E depois gastaram mais com Biden também, mas vocês estão observando que estão gastando mais. Os dois países que não gastaram mais: México e Índia. Portanto, esperem um pouco, não fiquem muito animados por serem os reis da austeridade fiscal. Durante a pandemia, não aumentamos os gastos com saúde. Reduzimos os gastos com educação. Por quê?

Porque as escolas foram fechadas, então não precisamos nos preocupar. É sério. Não estou nem inventando isso. Então, sim, é... Lembre-se de que a austeridade fiscal é como a política monetária. Essas não são realidades tecnocráticas, são aspectos de classes. Portanto, é uma questão de como isso transforma os dados. E no Brasil, naquela época, acho que eles perceberam que "tudo bem, temos de fazer alguma coisa". Então, eles gastaram menos com pessoal. Na Índia, eles provavelmente podem se safar, porque podemos gastar nosso tempo fomentando o ódio e, sabe, redirecionar a atenção de todos para odiar o vizinho, odiar os muçulmanos, fazer tudo isso. Então, sim, essas não são regras econômicas escritas em pedra. São coisas que são usadas pelas classes dominantes como e quando lhes convém.

Dito isso, estamos agora em uma trajetória muito diferente. Acredito que estamos entrando em outra fase da crise financeira. É preciso ver o que está acontecendo com os bancos americanos e europeus. Talvez as pessoas não se lembrem mais disso. Seus alunos certamente não se lembrarão disso. Mas eu me lembro do ano que antecedeu o colapso do Lehman Brothers. Foi exatamente assim: um dia é o Bear Stearns, um dia é o Freddie Mac e Fannie Mae etc. Ah, havia pequenas coisas acontecendo. Em cada uma dessas coisas, você apagava o fogo e depois aparecia outro para apagar o fogo. Estamos em uma situação muito mais alavancada do que estávamos em 2007. Alavancagem muito maior: em todos os setores, famílias, governos, todo mundo. Não se pode diminuir, administrar a situação, pois não está disponível a possibilidade de realmente baixar as taxas de juros. Eles ainda tentam aumentar as taxas de juros. Sim, mas eles já sabem o quanto mais podem baixá-las. Portanto, não se possui essas ferramentas tradicionais. Mesmo

assim, estamos enfrentando cada vez mais bancos que adotaram comportamentos de risco. Os órgãos reguladores não estavam fazendo seu trabalho, apesar de todas as tentativas de novas regulamentações, a lei Dodd Frank e as leis da UE e assim por diante. Portanto, estamos entrando em outra fase da crise financeira. Como exatamente ela se desenrolará? Haverá um “momento Minsky”?

Acho que não. Mas não sabemos. Será um mundo muito incerto. E nesse mundo incerto, ainda temos que agregar elementos como a mudança climática.

Entrevistadores. A polarização entre os EUA e a China não é como na antiga Guerra Fria. Naquele contexto pelo menos os EUA buscaram mostrar que a sociedade é capaz de oferecer à população algo melhor do que o que é oferecido hoje. Eu acho que esse é um elemento dessa equação, saber que essa competição entre... O que se opera hoje não é como o que aconteceu durante o período da Guerra Fria, porque não há mais socialismo. Mas, de qualquer forma, esse é um elemento que deve ser levado em consideração.

Jayati Ghosh. Há uma guerra quente em andamento na Europa e em muitas outras partes do mundo, certo. Portanto, as pessoas não pensam nas guerras que ainda estão ocorrendo na África, no Oriente Médio e assim por diante. Mas essas são guerras e as pessoas estão morrendo. No Iêmen, as pessoas estão morrendo, isso é uma devastação muito maior, destruição, fome... Sim. Com o auxílio do exército dos EUA, você sabe, quero dizer, toda essa ajuda etc. Então, no Afeganistão, quero dizer, há financiamento absoluto, as pessoas estão morrendo, e é porque os EUA estão restringindo o acesso do governo afegão. Nós não gostamos deles, mas eles têm seus próprios resultados. Certo, então todos os tipos de coisas aconteceram. Isso é uma coisa. A outra coisa que você sabe, acho que tendemos a subestimar, ou pelo menos as pessoas no Ocidente subestimam, é o grau em que o resto do mundo está agora cínico em relação ao G7, ou aos países ricos. Como a pandemia da Covid-19 foi uma grande revelação, você sabe, esses caras

basicamente se apoderam das vacinas, não deram dinheiro aos outros, se recusam a compartilhar a tecnologia, bloquearam isenções na OMC, são obscena e estupidamente desiguais. Certo? Então, onde está a confiança que permitiria que você dissesse: "Vou aceitar o G7". Não há. Conversei com muitas pessoas que eram líderes importantes na África. Eles estão furiosos, a confiança é zero, sabe? Porque eles disseram: "Isso é o que eles fizeram na pandemia, e agora eles nos convocam para nos alinharmos com eles porque querem que punamos a Rússia?!". É realmente uma situação muito complicada. Mas não se esqueça da mudança climática.

Entrevistadores. A mudança climática é muito importante. É uma oportunidade de alterar a mudança tecnológica que estimularia o crescimento.

Jayati Ghosh. É claro que, hipoteticamente, é uma oportunidade. É óbvio que você precisa compartilhar essa tecnologia. Mas, para mim, era óbvio que você teria que compartilhar a tecnologia para vacinas. E isso não aconteceu. Para mim, é óbvio que, se você pode gastar trilhões, cada país gasta três anos a mais, ou em uma pandemia, você pode poupar talvez 10-15 milhões para a pandemia, mas para o Fundo Climático, onde você prometeu 100 bilhões todos os anos? Não, isso não está acontecendo. O financiamento do combate ao problema climático não está acontecendo. O compartilhamento de tecnologia para aliviar a mudança climática não está acontecendo. Não sei o que será necessário para que isso aconteça. Isso não está acontecendo. Então, agora vamos considerar a situação menos otimista. Isso não está acontecendo. Não está acontecendo. Nós sabemos. Sabemos que o relatório do IPCC que saiu ontem sugere que, basicamente, em 10 anos, vamos atingir um aumento de 1,5 grau em 10 anos. Temos de fazer alguma coisa, certo? Se quisermos estabilizar o clima. Se não estabilizarmos em 1,5 grau, realmente não sabemos o que vai acontecer, todas as apostas estão canceladas. Poderá haver devastação e aumento do nível do mar, e haverá migração humana em um sentimento que não podemos imaginar. E

os países tentarão lidar com isso fechando suas fronteiras, assim como fecham as fronteiras para as pessoas durante a pandemia, fecham as fronteiras quando há refugiados climáticos. Portanto, na verdade, poderemos ver uma verdadeira bagunça muito em breve.

Entrevistadores. Se seguissemos o planejamento, ok, mas nestas condições... Não estamos muito otimistas.

Jayati Ghosh. O que vou dizer é que ou você acredita que a humanidade vai se afastar da beira do abismo ou acha que não vai, mas, convenhamos, no passado, nós nos afastamos do abismo. E lembre-se, o neoliberalismo é uma construção. Não é algo inevitável, certo? Ele pode ser mudado pelas sociedades. Da mesma forma, os tipos de desigualdade que temos visto são impulsionados pelo grande capital baseado nos países modernos. Não é que as pessoas do Norte queiram necessariamente negar, elas nem mesmo estão ganhando com isso. Da mesma forma que as pessoas na Índia não ganharam com o movimento sobre o petróleo que uma empresa do país estava fazendo. Portanto, acho que é possível. E, você sabe, o relatório do IPCC é muito terrível, mas diz que, nesses 10 anos, você ainda pode fazer alguma coisa. Portanto, se essa mensagem realmente chegar às pessoas, então há esperança.

Entrevistadores. Então, estamos muito alinhados com essa visão pessimista, principalmente porque, se olharmos para as possibilidades de sustentabilidade e continuarmos a vida, sabe, na guerra, nessa guerra predatória capitalista, se olharmos para isso a partir das lentes de gênero, raça e casta, é muito pior, sabe? Queremos falar um pouco sobre isso, porque, por exemplo, as propostas do Ocidente eram: economia verde, transição justa e assim por diante e os mercados de carbono. Mas eles não estão falando sobre gênero, racismo e assim por diante. Portanto, não estamos colocando a vida no centro do debate. Ao mesmo tempo, na economia feminista, estamos sempre discutindo isso. Portanto, gostaríamos

de compartilhar um pouco.

Jayati Ghosh. Sabe, é interessante dizer que se trata de economia verde. Há algum tempo venho afirmando que, sim, a economia verde é de fato verde. Mas não deveria ser verde, tem de ser multicolorida, e a saúde multicolorida. Sim, verde, obviamente, temos que salvar o planeta, temos que parar de destruir o meio ambiente, tudo isso. Tem de ser lilás para a economia do cuidado. Porque, na verdade, como você disse, ao colocar a vida no centro, nós subestimamos enormemente o cuidado. Porque valorizamos tudo apenas em termos de PIB e do preço de mercado das coisas. Não olhamos para o que é essencial para preservar nossa sociedade. Ou seja, nem mesmo para permitir que a sociedade exista. Portanto, uma economia lilás é aquela que reconhece o valor do cuidado. Reconhece a quantidade de trabalho de cuidado que é feito, de forma remunerada e não remunerada. Em seguida, tenta reduzir o ônus do cuidado não remunerado, principalmente das mulheres, não apenas, mas principalmente das mulheres, certo? Provavelmente, somos 70% disso. Ele tenta redistribuir parte desse trabalho, das famílias para o setor público e comunitário, para cooperativas e outros provedores, e dentro das famílias. Portanto, ele redistribui. Ele tenta recompensar adequadamente os profissionais de saúde. Porque outra coisa que sabemos é que os profissionais de saúde não são recompensados como deveriam, certo. Quero dizer, um sujeito da área financeira, que provavelmente está explodindo a economia, é recompensado muito mais do que os profissionais de saúde. E é preciso representar de fato os profissionais de saúde, eles precisam ter voz nas políticas.

Ao mesmo tempo a economia tem que ser azul. Continuamos nos esquecendo da água quando conversamos. Mas, para mim, as guerras deste século serão sobre a água. E isso também está parcialmente relacionado à mudança climática, porque na verdade há muito impacto sobre a água doce, sobre a água potável, sobre a água que pode ser usada para irrigação, tudo isso. Quero dizer, é absolutamente essencial, certo? Ainda mais o azul, a água. Portanto, teremos que pensar muito mais seriamente sobre o

gerenciamento da água e o compartilhamento da água, e como realmente lidamos com ela como um bem público. Tem também que ser marrom, não consigo pensar em outra cor. Mas basicamente a economia alimentar que temos. Sabe, temos um sistema alimentar global completamente quebrado. Ele não é saudável, é insustentável, é monopolista, gera desnutrição e consumo excessivo em um mesmo lar. Algumas pessoas têm problemas de obesidade, outras têm problemas de subnutrição. Muitas vezes, no mesmo local ou na mesma casa. Portanto, trata-se de um sistema alimentar global terrível, que teremos de mudar, o que, de certa forma, também está relacionado ao verde, mas é algo um pouco diferente.

A economia também precisa ser vermelha para reduzir a desigualdade. E, em parte, é claro, porque as desigualdades são injustas e iníquas, e assim por diante. Sabemos de tudo isso. Mas é também porque as desigualdades são economicamente tão ineficientes que são um desastre. Elas não só impedem que as economias possam usar todas as habilidades valiosas que as pessoas têm e impedem de dar a todos acesso aos seus produtos. Além disso, criam tensão social e circunstâncias realmente desagradáveis nas quais a própria economia está ameaçada.

Agora a boa notícia. A boa notícia é que mais e mais pessoas estão continuando a planejar. Portanto, até mesmo na ONU, agora, há um movimento para ir além do PIB. E fico muito feliz em dizer que, na verdade, eu estava associada a isso, escrevendo um relatório do qual sou membro. Estamos sugerindo um conjunto de outros indicadores junto com o PIB, porque ninguém vai se livrar dele facilmente. Mas cada país terá de coletar dados sobre esses outros indicadores, e a ONU os publicará junto com os dados do PIB. Por exemplo, a China usa dados que informam quanto trabalho remunerado, trabalho não remunerado e tempo de relacionamento pessoal você tem. Quantos habitantes têm acesso à dieta nutritiva indicada pela FAO? Quantos podem pagar por essa dieta nutritiva? Então, você arrasta isso todos os anos para encaixar no indicador de emprego, que eu sugeri, que é a taxa de emprego multiplicada pela taxa de salário médio. Agora, por que a taxa de emprego é útil, porque ela também mantém o trabalho não remunerado;

quanto menor a taxa de emprego, mais pessoas estão fazendo trabalho não remunerado. E o salário mediano é muito melhor do que a média, o salário médio. Porque, como você sabe, a média, o salário médio, é distorcido por algumas pessoas que ganham muito. Portanto, o salário mediano é mais representativo. Qual foi mesmo o outro tema que... Ah, sim, as emissões de carbono. Propusemos medir a média das emissões de carbono na proporção de 10 por 50, as emissões de carbono dos 10% mais ricos divididas pelos 50% mais pobres. Isso nos informaria sobre as emissões totais e a desigualdade. Essas são dimensões diferentes, mas se todos os países estiverem monitorando-as, isso realmente dará às pessoas do país a capacidade de identificar o problema e exigir mudanças, pois, se não estivermos medindo, não poderemos nem falar sobre como mudar. Portanto, acho que há algum progresso em alguns desses aspectos.

Entrevistadores. É importante para o Brasil, sabe, no Brasil, não temos nenhuma pesquisa de “uso do tempo”. Então, temos alguns dados, mas... Na verdade, não.

Jayati Ghosh. Seria tão bom, certo, que saberíamos de fato o que está acontecendo.

Entrevistadores. Muito obrigado. Digamos que nós temos que lhe agradecer muito. Não é apenas o que você diz, mas a maneira como você fala, é tão convincente, tão apaixonada por suas opiniões.

Espero também que as pessoas aproveitem tanto quanto a gente aproveitou a entrevista. Muito obrigado!

Jayati Ghosh. Obrigada.